

BOLSAS	BOVESPA	GLOBAL 40	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta-feira (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quarta	Quarta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na quarta-feira	Na BM&F e gramas (em R\$)	Prefixado, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+2,31 São Paulo	+1,41 Nova York	US\$ 1,306 (▲ 0,31%)	1,945 (▼ 0,05%)	2,700 (▼ 0,26%)	R\$ 43,400 (▲ 0,92%)	11,82%	Janeiro/2007 0,44 Fevereiro/2007 0,44 Março/2007 0,37 Abril/2007 0,25 Maio/2007 0,28

Economia - Brasil

DESENVOLVIMENTO

Crescimento de 0,8% no primeiro trimestre deste ano em relação ao último de 2006 só não foi pior por causa do aumento dos gastos governamentais. Resultado frustra expectativa de alta de 5% para 2007

Governo reforça PIB

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A economia brasileira cresceu apenas 0,8% nos primeiros três meses deste ano quando comparado ao último trimestre de 2006. O número ficou no piso das estimativas do mercado — havia apostas em incremento de até 1,5% — e, se não frustrou, pelo menos deixou uma certeza entre os especialistas: a perspectiva de o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas do país, encerrar o ano com aumento de 5% tornou-se praticamente uma miragem. Na melhor das hipóteses, se os três trimestres restantes vierem bastante fortes, a elevação do PIB ficará entre 4% e 4,5%, esta última taxa prevista no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo. Anualizado, o índice de 0,8% do primeiro trimestre indica crescimento de meros 3,2%, abaixo dos 3,7% do ano passado.

O resultado do PIB na comparação do primeiro trimestre com os últimos três meses de 2006, o chamado índice dessazonalizado, só não foi menor graças ao consumo do governo, que, entre os dois períodos, saiu de uma queda de 0,2% para um aumento de 3,5%. "Realmente, os gastos do governo fizeram a diferença no cálculo do PIB", disse a economista-chefe do Banco Real ABN Amro, Zeina Latif. Segundo a nova metodologia usada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o governo passou a ter um peso maior nos cálculos do PIB. Em vez de se avaliar o setor público com base no crescimento da população, passou-se a considerar todas as suas despesas, sobretudo com pessoal, cuja contratação aumentou muito nos últimos anos. Que o diga o publicitário João Gustavo Oliveira, 31 anos. "Realizei meu sonho de entrar para o serviço público. Trata-se de uma oportunidade valiosa", afirmou.

Para o economista Maurício Molan, do Banco Santander Banespa, a presença maior do governo na economia não é um fato a ser comemorado. "O ideal seria que os gastos maiores fossem em

Joedson Alves/Especial para o CB



JOÃO GUSTAVO ENTROU PARA O SERVIÇO PÚBLICO E PARA AS ESTATÍSTICAS DE GASTOS COM FUNCIONALISMO

investimentos em infra-estrutura, que, mais à frente, teriam forte impacto na produção. Mas não é o que se vê. O consumo do governo decorre do aumento da máquina administrativa, cujos efeitos na economia estão limitados ao curto prazo", destacou. Na opinião da economista Cláudia Dionísio, da Gerência de Contas Nacionais do IBGE, não se deve olhar apenas para um dado isolado ao se falar do PIB. "O importante é a análise global. E, nesse contexto, os números são bastante positivos", assinalou.

Indústria fraca

Ao detalhar as informações divulgadas ontem pelo IBGE, Cláudia disse que, em relação ao primeiro trimestre de 2006, o PIB teve incremento de 4,3%. Nos 12 meses terminados em março, a economia avançou 3,8%, o melhor resultado desde os primeiros três meses de 2005 (5,1%). Em todas essas comparações, afirmou a economista, o crescimento foi sustentado, principalmente, pelo consumo das famílias e pelos investimentos produtivos, a denominada Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF). Frente a janeiro e março de 2006, os gastos da família aumentaram 6% — o 14º trimestre consecutivo de alta, como

antecipou o Correio na edição de terça-feira, e o maior em 10 anos. Frente aos três últimos meses de 2006, os gastos ampliaram-se em 0,9%. Já os investimentos cresceram 7,2% se comparados ao primeiro trimestre de 2006 e 2,1% sobre o acumulado entre outubro e dezembro últimos.

Apesar do olhar otimista da economista do IBGE, os especialistas chamaram a atenção para os números pouco animadores da indústria e da agricultura. Entre o último trimestre do ano passado e os três primeiros meses de 2007, a produção industrial avançou apenas 0,3%, depois de ter atingido incremento de 3,5% no terceiro trimestre de 2006. Sobre os três primeiros meses do ano passado, a indústria cresceu 3%. O fraco desempenho da indústria dentro do PIB, no entender do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), é reflexo dos baixos preços do dólar, um problema para muitos setores exportadores. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, a agricultura caiu 2,4% e, frente ao mesmo período do ano passado, houve aumento de 2,1%. O setor de serviços, por sua vez, cresceu 1,7% e 4,6%, respectivamente, tornando-se o destaque do PIB.

O IBGE mostrou ainda que o

setor externo tirou parte do PIB, já que, nos primeiros três meses do ano, as importações cresceram 19,9% e as exportações, 5,9%. Com isso, calcula o Iedi, o Produto perdeu 1,4 ponto percentual de seu valor. Ou seja, os 4,3% computados na comparação com os primeiros três meses de 2006 poderiam ter chegado a 5,7%. Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), é o forte incremento das importações, barateadas pela valorização do real frente ao dólar, que está contendo a produção industrial.

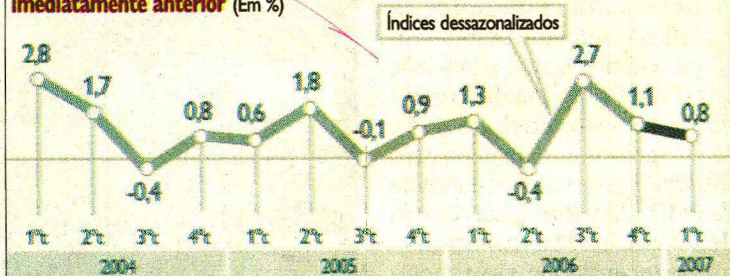
O economista-chefe do Banco Fator, Vladimir Caramaschi, refuta a visão negativa sobre as importações. Como as empresas brasileiras estão trazendo muitas máquinas e equipamentos do exterior, isso significa que os parques produtivos estão sendo ampliados, resultando, futuramente, em uma oferta maior de mercadorias. Além disso, os importados têm sido fundamentais para ampliar a competição entre os bens de consumo, mantendo a inflação sob controle e permitindo ao Banco Central continuar reduzindo as taxas de juros.

LEIA MAIS SOBRE
DESENVOLVIMENTO NAS
PÁGINAS 18 E 19

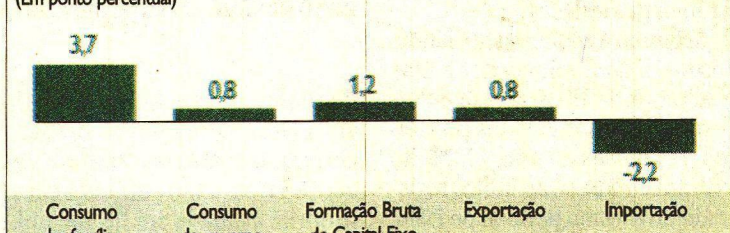
O PRODUTO INTERNO BRUTO

Resultado da economia nos primeiros três meses deste ano ficou aquém do esperado pelo governo e pelo mercado

Variação do PIB sobre trimestre imediatamente anterior (Em %)

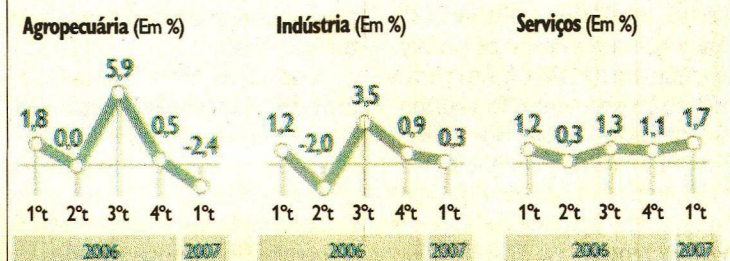


Contribuições para o crescimento do PIB (*) (Em ponto percentual)



(*) Trimestre sobre o mesmo período do ano passado

Variação por setor produtivo (*)



(*) Trimestre sobre três meses imediatamente anteriores

O PIB no primeiro trimestre (Em R\$ bilhões)



Fonte: IBGE

Editoria de Arte/CB

ANÁLISE DA NOTÍCIA

Decisão acertada

O resultado mais fraco do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre do ano mostrou que o Banco Central estava certo ao acelerar o corte da taxa básica de juros (Selic), de 0,25 para 0,5 ponto percentual. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicaram que a economia brasileira está, sim, crescendo, mas a um ritmo moderado, sem pressões inflacionárias, mantendo abertas as portas para que o Comitê de Política Monetária (Copom) possa promover pelo menos mais duas reduções de 0,5

ponto nas próximas reuniões deste ano. O PIB também reforçou o argumento do grupo de diretores do BC que defendem mais ousadia na condução da política de juros. As importações, segundo eles, estão servindo como importante fonte de controle dos preços. Apesar de o consumo das famílias ter aumentado 6% frente ao mesmo período do ano passado, a inflação continua rondando próximo dos 3,5%. Para não perder mercado, as empresas barram os reajustes. É esse um dos principais benefícios do dólar barato. (VN)